



**CENTRO DE ESTUDOS OCTÁVIO DIAS DE OLIVEIRA
FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES**

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO
SURDO**

TÚLIO FORTUNATO E SILVA

TRINDADE

2013



**FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE BIOLOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO
SURDO**

Túlio Fortunato e Silva

Orientadora: Wanuse Sousa Lopes

Trindade - GO

2013

**FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE BIOLOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO
SURDO**

Túlio Fortunato e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientadora: Wanuse Sousa Lopes

Trindade - GO

2013

Túlio Fortunato e Silva

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO
SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Biologia aprovada pela seguinte
banca examinadora:

Profª Esp. Wanuse Sousa Lopes
Faculdade União de Goyazes

Profº. Hélio Pinheiro de Andrade

Profº Ms. Nilton Carlos de Valle

Trindade - GO
02/02/2013

Dedico este trabalho à minha família, meu porto seguro, que acolhe e apóia em todas as minhas decisões.

AGRADECIMENTOS

Manifesto gratidão a Deus, pois, agradecê-lo não será tão somente problema de palavras brilhantes, é poder sentir a grandeza de seus gestos, de sua luz de benefícios, a generosidade da confiança em mim depositada. Espero poder aplicar proveitosamente as dádivas recebidas.

Aos professores orientadores e revisores deste trabalho pela orientação firme e segura demonstrada na elaboração deste trabalho, como também aos demais professores que estiveram conosco no decorrer de todo curso.

Ao Francisco, pessoa ímpar que, incondicionalmente tem me auxiliado em tudo. Sem ele não teria conseguido chegar até aqui.

A IMPORTÂNCIA DA LINGUA DE SINAIS NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO SURDO

Túlio Fortunato e Silva¹¹
Wanuse Sousa Lopes²²

RESUMO

O objetivo do presente artigo é discorrer a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na formação do indivíduo surdo, sendo esta considerada a língua natural dos surdos por se desenvolver naturalmente e por permitir que qualquer conceito seja expresso através dela. Ao aprender LIBRAS, o indivíduo surdo adquire autonomia em sua comunicação, se interage melhor com o outro e desenvolve a habilidade de construir conceitos. Nessa perspectiva o estudo visa mostrar que os surdos, a exemplo dos ouvintes, quando expostos à Língua de Sinais desde crianças podem se desenvolver linguisticamente, pois, se isto não acontecer, seu desenvolvimento global poderá ser afetado de modo significativo.

PALAVRAS-CHAVE: Surdez. Língua Brasileira de Sinais. Formação do indivíduo.

THE IMPORTANCE OF LANGUAGE OF SIGNS IN FORMATION OF DEAF GUY

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the importance of the Brazilian Sign Language (Libras) in the formation of the deaf, which is considered the natural language of the deaf by developing naturally and allow any concept is expressed through it. By learning POUNDS, the deaf individual acquires autonomy in their communication, interacts with each other better and develop the ability to construct concepts. In this perspective, the study aims to show that deaf people, like the listeners when exposed to sign language since children can develop linguistically, because if not, their overall development can be affected significantly.

KEYWORDS: Deafness. Brazilian Sign Language. Training the individual.

¹¹ Acadêmico do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade União de Goyazes.

²² Orientadora: Profª. Esp. Faculdade União de Goyazes.

INTRODUÇÃO

A linguagem envolve um processo altamente complexo, uma vez que está relacionada à elaboração e simbolização do pensamento humano, permitindo a comunicação do homem com os seus semelhantes. A habilidade de compreender a linguagem oral deve ser considerada como um dos mais importantes aspectos mensuráveis da função auditiva humana (SILVA, et. al. 2006).

Deste modo, o déficit auditivo constitui-se em um fator importante, pois acarreta problemas que vão além do comprometimento de fala, percebendo-se atrasos no desenvolvimento cognitivo e social. Entretanto, Petean e Borges (2002), afirmam que a surdez, mesmo afetando algumas experiências de vida, não limita a inteligência, a capacidade emocional ou o desenvolvimento e maturação normais.

Para estas autoras o atraso acadêmico que eventualmente surge em algumas pessoas surdas pode decorrer não de sua capacidade intelectual, mas, do seu desempenho linguístico. Sendo assim, Capovilla (2000) cita que o desenvolvimento de uma criança surda é influenciado pelo acesso que possui aos meios pelos quais aprende a linguagem, seja ela falada ou não.

A aquisição de uma língua oral por surdos remete a questões complexas, tanto do ponto de vista cognitivo da representação mental do conhecimento linguístico, quanto do ponto de vista cultural, social e afetivo. (BREM; BRISOL, 2008)

Sob o entendimento de Bittencourt e Hoehne (2009) a Língua de Sinais, por suas características de língua visuo-espacial, constitui a modalidade ideal na aquisição de L1 pelo surdo. Para estes autores as características e os estágios da aquisição da Língua de Sinais por surdos podem ser comparados aos da aquisição da língua oral por ouvintes, o que aponta para resultados semelhantes na representação mental do conhecimento linguístico, com implicações idênticas para o período crítico, entre outros aspectos relativos ao desenvolvimento de habilidades cognitivas.

Devido às limitações da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas, as pessoas com surdez enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar. Sendo assim muitos deles podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político-cultural e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem. (DAMÁZIO, 2007)

Considerando tal realidade, este artigo tem como proposta discorrer a importância da Língua de Sinais na formação de indivíduos surdos e ressaltar que quanto mais cedo a pessoa surda tiver contato com a língua de sinais, bem como, com a comunidade surda, mais cedo ela aprenderá suas características e as utilizará em seu favor no processo de comunicação.

Para a construção deste trabalho partiu-se do seguinte questão problema: Sendo a Língua de Sinais a primeira língua da pessoa surda, qual sua importância na sua formação como um todo?

A hipótese levantada é a de que a pessoa surda, assim como a ouvinte, para se tornar um falante competente na sua primeira língua, precisa estar em ligação com ela, proporcionando além da aquisição da língua, a construção da identidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

A realização do presente trabalho se deu por meio de revisão da literatura. Este método de pesquisa consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos.

O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores. É necessário seguir padrões de rigor metodológico, clareza na apresentação dos resultados, de forma que o leitor consiga identificar as características reais dos estudos incluídos na revisão (MARCONI; LAKATOS, 2004).

Após a definição do tema foi feita uma busca em bases de dados virtuais em educação inclusiva a partir das seguintes palavras chaves: Surdez. Língua Brasileira de Sinais. Formação do indivíduo.

O passo seguinte foi uma leitura exploratória das publicações apresentadas no Sistema Latino-Americano e do Caribe de informação em Ciências da Saúde - LILACS, *Scientific Electronic Library online* – Scielo, entre outros, no período de 1981 a 2012, caracterizando assim o estudo retrospectivo, em Português, buscando as fontes virtuais, os anos, os periódicos, os idiomas, os métodos e os resultados comuns.

Realizada a leitura exploratória e seleção do material, iniciou-se a leitura analítica, por meio da leitura das obras selecionadas, que possibilitou a organização das idéias por ordem de importância e a sintetização destas que visam a fixação das idéias essenciais para a solução do problema da pesquisa.

Após a leitura analítica, foi feita a leitura interpretativa que trata do comentário feito pela ligação dos dados obtidos nas fontes ao problema da pesquisa e conhecimentos prévios. Na leitura interpretativa houve uma busca mais ampla de resultados, pois estas ajustaram o problema da pesquisa a possíveis soluções. Feita a leitura interpretativa iniciou-se a tomada de apontamentos que se referiram a anotações que consideram o problema da pesquisa, ressaltando as idéias principais e dados mais importantes (ANDRADE, 2007).

A partir das anotações da tomada de apontamentos, foram confeccionados fichamentos, em fichas estruturadas em um documento do Microsoft Word, que objetivaram a identificação das obras consultadas, o registro do conteúdo das obras, o registro dos comentários acerca das obras e ordenação dos registros. Os fichamentos propiciaram a construção lógica do trabalho, que consistiram na coordenação das idéias que acataram os objetivos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. SURDEZ

O processo de comunicação entre os indivíduos através da linguagem verbal depende, sobretudo, da audição que, sem dúvida, constitui um fator importantíssimo no contato da criança com o mundo. A audição desempenha um papel principal e decisivo no desenvolvimento e na manutenção da comunicação por meio da linguagem falada. (SILVA, et. al., 2006)

A função auditiva é não somente importante como bastante complexa; o ouvido funciona como uma ponte entre o mundo exterior e o sistema nervoso, adaptando informações vibratórias e transmitindo sinais temporais. (BRITO; DESSEN, 2009)

As modificações na função auditiva também conhecida como surdez alteram consideravelmente a percepção do meio e toda a construção psicofisiológica do mundo pela criança. (BRITO; DESSEN, 2009)

A surdez é entendida como um tipo de privação sensorial, cujo sintoma comum é uma reação anormal diante do estímulo sonoro (GAGLIARDI & BARRELLA, 2006).

A surdez é conceituada por Marchesi et. al (2006) como qualquer alteração produzida tanto no órgão da audição como na via auditiva. Segundo os autores, a classificação mais habitual do ponto de vista médico foi feita em função do lugar onde se localiza a lesão, o que levou a destacar três tipos diferentes: a surdez condutiva ou de transmissão, a surdez neurossensorial ou de percepção e a surdez mista.

Explicitando melhor cada um destes tipos, Silva et. al. (2006) ressalta que a surdez condutiva ou de transmissão situa-se no ouvido externo ou no ouvido médio, o que impede ou dificulta a transmissão das ondas sonoras até o ouvido interno. A surdez neurossensorial segundo o autor situa-se no ouvido interno ou na via auditiva para o cérebro sendo que sua origem pode ser genética produzida por intoxicação, por infecção ou por alterações vasculares e dos líquidos linfáticos do ouvido interno. A surdez mista ocorre quando as áreas prejudicadas são tanto o ouvido interno ou a via auditiva como o canal auditivo externo ou médio.

Segundo Marchesi (2004) uma das principais causas das dificuldades de aprendizagem em alunos surdos decorre pela ausência da linguagem oral. Para o autor, os ambientes linguísticos em que as crianças surdas se desenvolvem são muito variados, por isso, os processos de socialização linguística são também diferentes. Em razão destas limitações alguns autores como Seno (2009) cita que o desenvolvimento cognitivo e inteligência dos surdos é diferente da dos ouvintes.

O caráter diferencial procede das limitações, conforme Myklebust *apud* Marchesi (2004) o que faz com que sua atenção se centre, sobretudo, em suas expectativas internas. A ausência de som, de acordo com o autor, limita o acesso à linguagem, o que por vez influirá no desenvolvimento do pensamento abstrato e reflexivo.

Nota-se assim que a limitação para o pensamento abstrato e reflexivo da pessoa surda incidirá na aprendizagem de modo geral, visto que a linguagem é um dos principais requisitos para que tais processos ocorram.

Ainda no nível cognitivo, Marchesi (2004) menciona o desenvolvimento dos jogos simbólicos e da inteligência sensório-motora em crianças surdas. Seu estudo baseia-se em quatro dimensões: descentração referente à realização das ações simbólicas no qual se assume o ponto de vista do outro; identidade no qual a criança é capaz de atribuir um papel aos bonecos e de realizar com eles ações próprias do personagem designado; substituição no qual a criança é capaz de utilizar objetos com uma outra função distinta; integração de ações que propicia a organização de ações em sequências e planejamento no qual a criança realiza um planejamento prévio do jogo, sendo que em todas estas dimensões foi verificado a influência da linguagem.

É importante mencionar que o pensamento hipotético-dedutivo é o que caracteriza a etapa das operações formais e quando o sujeito é destituído da linguagem oral esse processo consequentemente se desenvolverá de outra forma e Marchesi (2004) destaca que a ausência de linguagem oral dificulta este processo.

Piaget (1999) reconheceu a importância da linguagem e do meio social para atingir esse nível intelectual e, por isso, segundo o autor, seria lógico esperar que as crianças surdas, com maior atraso linguístico, tivessem sérias dificuldades de dominar esse tipo de pensamento.

Em alguns casos assinala-se também que a falta de busca ativa de uma solução para o problema levantado é a principal variável responsável pelos erros de adolescentes surdos. Em outros casos, aponta-se que é o tipo de ensino que os surdos recebem, concreto e literal demais, o fator com maior poder explicativo das limitações para o pensamento abstrato que os surdos manifestam (WOODS et. al, 1986 *apud* MARCHESI, 2004 p. 183).

Em relação ao conhecimento Piaget (1999) menciona que este está muito mais relacionado com a capacidade de receber informação e de elaborá-la de forma adequada. Para ele, toda informação é transmitida através de diferentes meios de comunicação e que na maioria destes âmbitos, a pessoa surda têm sérias dificuldades de obter a informação que se transmite.

Do exposto, nota-se que quanto mais cedo a criança adquirir a linguagem de sinais, mais facilidade ela terá para enfrentar os problemas recorrentes da surdez. Quando se procura entender os desencadeadores das dificuldades de aprendizagem de pessoas surdas, deve-se analisar as habilidades sociais dela.

No contexto escolar as informações proporcionadas pelos pais e pelos professores devem ser coletadas numa entrevista a fim de conhecer melhor a criança. Finalmente é preciso conhecer as competências da criança em diferentes áreas curriculares ao longo de seu processo de aprendizado. (CAGLIARI; BARRELA, 2006)

Faz-se necessário ainda a utilização de alternativas de comunicação que possam propiciar um melhor intercâmbio em todas as áreas, entre surdos e ouvintes. Essas alternativas devem basear-se na substituição da audição por outros canais, destacando-se a visão, o tato e o movimento, e se tiver restos auditivos, deve ser bastante aproveitado. (SILVA, et. al, 2006)

Nessa perspectiva a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) desempenha papel de suma importância, sendo esta a primeira língua da pessoa surda.

2. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A Língua de Sinais é uma linguagem que utiliza a comunicação manual para expressar significados em vez de sons; combina as formas das mãos, sua orientação e movimentos, com os braços, o corpo e as expressões faciais para expressar de forma fluida os pensamentos do falante. A Língua de Sinais se desenvolve nas comunidades surdas, nas que se pode incluir aos intérpretes, amigos e familiares das pessoas surdas (FERREIRA BRITO, 2006)

2.1 Estrutura da Língua de Sinais

Para melhor compreender a importância da Língua de Sinais, é preciso conhecer como a mesma funciona e em que medida o conhecimento desta língua por toda a sociedade, facilitará a comunicação entre aqueles que ouvem e os que possuem necessidades auditivas.

A LIBRAS, assim como os demais modelos de comunicação oral é uma língua natural como qualquer outra, com estruturas sintáticas, semânticas, morfológicas, entre outros. A diferença é que ela também utiliza a imagem para expressar-se. Para se aprender Libras é necessário passar por um processo de aprendizagem, compreendendo como funciona cada sinal e como fazer uso deles para processar a comunicação. (MENEZES; SANTOS, 2002)

A LIBRAS é uma das linguagens de sinais existentes no mundo inteiro para a comunicação entre surdos. As linguagens de sinais não são universais, já que elas possuem sua própria estrutura conforme cada país, diferindo-se de região para outra região dependendo da cultura de um determinado local para se expressões ou regionalismos. (QUADROS, 2005)

De acordo com Quadros (2005) para determinar o seu significado, os sinais possuem alguns parâmetros para a sua formação, como por exemplo, a localização das mãos em relação ao corpo, a expressão facial, a movimentação que se faz ou não na hora de produzir o sinal, entre outros.

Contudo, no decorrer da comunicação, vão ocorrendo ampliações no vocabulário que acontece por criação de sinais compostos e por empréstimo de itens lexicais de outras Línguas de Sinais.

Existem alguns teóricos que afirmam que a LIBRAS é uma língua icônica porque os sinais representam uma figura ou objeto de maneira geral. No entanto, os que defendem o contrário dizem que ela não é icônica porque o alfabeto de LIBRAS é universal sendo que os sinais icônicos não são iguais em todas as línguas. (DIZEU; CAPORALI, 2005)

De acordo com Menezes e Santos (2002) cada sociedade capta modelos diferentes do mesmo referente, representados através de seus próprios sinais, convencionalmente. Uma foto, por exemplo, é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada, mas a letra A representada pelos sinais é universal e é utilizada em várias palavras e textos.

Nesse sentido Quadros (2005) relata que existem algumas particularidades simples, que visam facilitar o entendimento da língua, como por exemplo, os verbos que aparecerem todos no infinitivo e os pronomes pessoais que não são representados, sendo necessário apontar a pessoa de quem se fala para ser entendido. Segundo o autor, há ainda algumas palavras que não tem sinal correspondente, como é o caso dos nomes próprios. Nessa situação, as letras são sinalizadas uma a uma para expressar tal palavra. Desta forma, cada país ou região vai criando aqueles sinais que melhor viabilizem a comunicação.

2.1.1 Modelos de alfabetos manuais

Os primeiros sinais manuais foram inventados com os monges beneditinos e mais tarde foram aperfeiçoados conforme cada país. (QUADROS, 2005)

As figuras 1 e 2 demonstram dois alfabetos manuais: o bimanual (apresentado por Bonet³³) e o unimanual (criado inicialmente nos conventos beneditinos⁴⁴).

Figura 1: Alfabeto bimanual
Fonte: Wikipédia, 2013

O alfabeto bimanual, representa convencionalmente os caracteres nas distintas falanges e juntas da mão passiva (geralmente a esquerda), usando-se o indicador da outra mão (dominante) como ponteiro sinalizador. “É utilizado, atualmente pelos surdos no Reino Unido, Austrália, África do Sul, Nova Zelândia e algumas zonas do Canadá. O alfabeto do Reino Unido é muito antigo, pois já se usava pelos monges da Irlanda, no século VII”⁵⁴.

O alfabeto bimanual possui em todos os seus caracteres sinais bastante distintos do que é utilizado no Brasil ou em outro país, sendo que cada sinal é criado conforme as necessidades de cada comunidade de surdos.

³³ Bonet propôs que o treinamento do surdo fosse iniciado pela utilização do alfabeto unimanual, muito parecido ao que atualmente é utilizado no Brasil. Ele defendia que todas as pessoas da convivência da criança surda deveriam aprender este alfabeto e que a fala viria posteriormente com o auxílio da também da escrita.

⁴⁴ Os sinais utilizados entre os monges foram transformado numa listagem, totalizando 127 sinais conhecidos como do *Monasteriales Indicia*.

⁵⁴ Disponibilizado por http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_manual. Acesso em 24 janeiro.2013.

Figura 2: Alfabeto unimanual
Fonte: Wikipédia, 2013

No alfabeto unimanual, a mão dominante (geralmente a direita), representa graficamente as letras impressas em minúsculas, do alfabeto latino. Este alfabeto tem sua origem na Espanha “provavelmente as comunidades de judeus convertidos do início do século XVI”⁶⁵.

De acordo com informações do mesmo site, a maioria dos países cujas línguas oficiais se escrevem com o alfabeto latino - e, inclusive nos países árabes, como Egito e Marrocos, se bem que adaptado à grafia árabe - os surdos usam um alfabeto unimanual para representar os caracteres, baseado no alfabeto manual espanhol.

No Brasil, foram criados sinais tanto para representar letras, quanto para representar números conforme demonstra figura 3:

⁶⁵ Disponibilizado por http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_manual. Acesso em 20.janeiro 2013.

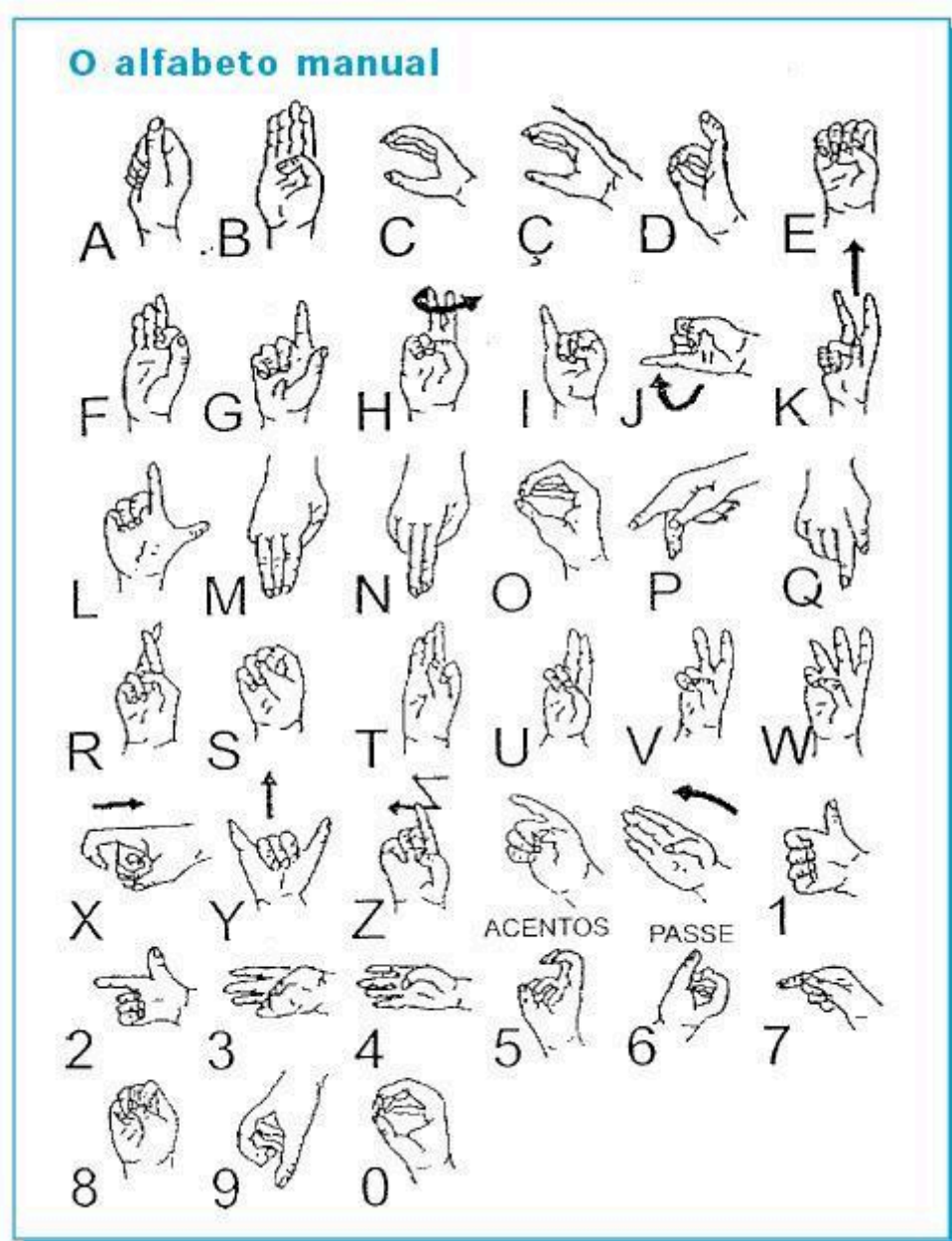


Figura 3: Alfabeto manual brasileiro (letras e números)
 Fonte: Quadros, 2005.

Como se observa, a criação de sinais vai ocorrendo de acordo com a necessidade de cada comunidade. No Brasil, por exemplo, em decorrência do interesse e também da legislação pertinente aos interesses de pessoas com necessidades auditivas, já foram criados alfabetos que visualizam melhor a leitura dos sinais manuais, visando uma compreensão mais abrangente por parte de quem ainda não conhece esta língua, conforme ilustra a figura 4:

Figura 4: Alfabeto manual ilustrado
Fonte: Dicionário de Libras

Além de ajudar na compreensão dos sinais de LIBRAS, o alfabeto manual ilustrado facilita a visualização para a pessoa com necessidade auditiva que está sendo alfabetizada, já que associa figuras com os ícones representados por cada sinal em LIBRAS.

A Língua de Sinais possui estrutura gramatical própria, pois, ao fazer a interpretação à pessoa com necessidade auditiva, o intérprete de línguas passa automaticamente para o “português sinalizado⁷⁶”, já que, em LIBRAS, os verbos são utilizados no infinitivo.

Desta forma, uma expressão pronunciada por um falante sofre transformações ao ser transferida para o português sinalizado como, por exemplo, o Salmo 122: 1,2: “Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra” (QUADROS, 2005)

Ao ser transferido para o português sinalizado a mesma expressão fica da seguinte maneira: “Olhar problema muito difícil. Eu penso: como ajudar-me? Mas, eu lembrar, Senhor Deus fez céu, terra, também ajudar-me”.

⁷⁶ O português sinalizado, é o uso simultâneo de fala e de sinais. Ele acontece quando o interprete ouve o que o professor está falando e faz a transposição em LIBRAS para o surdo de modo que este entenda.

Conforme mencionado anteriormente, na transcrição de uma língua para outra, as palavras ou sentenças sofrem modificações, por isso, a importância tanto da aquisição da Língua de Sinais, quando do intérprete desta língua.

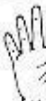
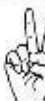
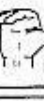
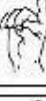
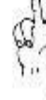
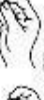
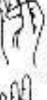
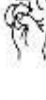
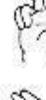
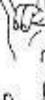
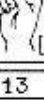
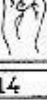
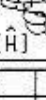
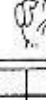
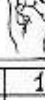
2.2.2 Estrutura gramatical

A língua de sinais tem sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Em decorrência da amplitude dos elementos que constituem esta estrutura, nesta pesquisa serão apresentados de maneira resumida.

De acordo com Ferreira Brito (2006) três são os parâmetros principais ou maiores da estrutura gramatical de Libras: “a Configuração da(s) mão(s)-(CM), o Movimento - (M) e o Ponto de Articulação - (PA); e outros três constituem seus parâmetros menores: Região de Contato, Orientação da(s) mão(s) e Disposição da(s) mão(s)” (FERREIRA BRITO, 2006).

Figura 5: Sinal certo com seus parâmetros
Fonte: Ferreira Brito, 2006

A mesma autora afirma que várias pesquisas linguísticas conseguiram comprovar que na LIBRAS existem 46 configurações das mãos, sendo que o alfabeto manual utiliza apenas 26 destas para representar as letras, conforme mostra a figura 5:

1	2	3	4	5	6	
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [5]	 [V]	
 [â]	 [Â]	 [G ₁]	 [Ĉ]	 [5 ₄]	 [V̂]	
 [B _u]	 [A _u]	 [G _u]		 [5̂]		
 [B̂]	 [Â]	 [Ĝ]		 [5̂]		
7	8	9	10	11	12	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [3]	 [Y]	
 [ô]	 [F _u]		 [Ĥ]	 [3̂]	 [Ÿ]	
 [bô]	 [F̂]		 [Ĥ̂]	 [3̂]	 [Ÿ̂]	
13	14	15	16	17	18	19
 [a]	 [K]	 [I]	 [R]	 [W]	 [L]	[E]
 [a _u]	 [K _u]				 [L _u]	

Quadro 1: As 46 CMs da LIBRAS (Ferreira Brito e Langevin, 1995)

Figura 5: As 46 configurações de mão da Libras
Fonte: Ferreira Brito, 2006

A partir destas configurações, toda a estrutura gramatical, sintática e lexical da LIBRAS vai sendo constituída.

2.2.3 Estrutura sintática

Em decorrência de suas especificidades, a LIBRAS não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada,

independente da língua oral. De acordo com Ferreira Brito (2005) a ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas idéias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade” (FERREIRA BRITO, 2006)

Ferreira Brito (2006) pontua ainda que, as palavras da Língua de Sinais e do português se estruturam a partir de unidades mínimas, sonoras e espaciais, respectivamente. Tais unidades ou fonemas, são distintivas uma vez que quando são substituídas uma pela outra, geram uma nova forma linguística com um significado diferente.

Assim sendo, de acordo com Bortoloti (2006) a língua portuguesa é considerada uma segunda língua e quanto mais o surdo dominar sua primeira língua, mais construirá conhecimentos na segunda, no caso o português escrito.

2.2.4 Componentes não manuais

Além dos parâmetros anteriormente mencionados, bem como sistema sintático e gramatical, a LIBRAS conta com uma série de componentes não manuais, como a expressão facial ou o movimento do corpo, que muitas vezes podem definir ou diferenciar significados entre sinais. Nesse sentido Ferreira Brito (2006) ressalta que a expressão facial e corporal podem traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, etc., dando mais sentido à LIBRAS e, em alguns casos, determinando o significado de um sinal.

Como se pode constatar, a LIBRAS encontra-se envolvida numa gama de fatores que exigiria uma outra pesquisa apenas para caracterizá-la. Por isso, ao se pensar no ensino desta língua para a pessoa surda é importante que este seja amplo e eficaz, considerando os parâmetros instituídos na legislação que rege a língua de sinais.

2.3 Legislação que rege a Língua de Sinais

De acordo com Menezes (2002), a primeira legislação preocupada com a educação de surdos surge no Brasil é a Lei 4875/98, que oficializa a LIBRAS em todo o território nacional.

Mais recentemente, no ano de 2002 o então presidente da república sancionou a Lei n, 10.436⁸⁷, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais constituída de cinco artigos:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Conforme Art. 1º, a Língua de Sinais não expressa apenas uma tentativa de se compreender por meio de gestos, uma palavra ou expressão, trata-se de um sistema complexo que garante a plena comunicação de uma pessoa com necessidades auditivas com os demais ouvintes.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Mediante pressupostos do Art. 2º, o ensino de Libras deve ser garantido por parte do poder público que dever gerar formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação objetiva.

Acerca desse parâmetro, o que se observa é que nas instituições de modo geral ainda existem muitas dificuldades, exatamente porque ainda não há ouvintes suficientes que sejam conhecedores de LIBRAS, estando esta língua em processo de iniciação em todo o país.

⁸⁷ A lei 10436/02 inclui a Libras como componente curricular obrigatório institui o programa de complementação ao atendimento educacional especializado às pessoas portadoras de deficiência. Ela garante a universalização do atendimento especializado ao portador de necessidades especiais, que não pode ser incluído em classes regulares e garante a inclusão do portador de necessidades especiais em classes comuns do ensino regular.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Novamente ressalta-se a dificuldade que as instituições públicas e empresas têm enfrentado em fazer valer a Lei, em decorrência da falta de conhecimento em Libras, apesar de todo o esforço que tem sido feito para que a cada dia um número maior de pessoas tenham acesso ao conhecimento desta língua.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

O artigo 4º garante a inclusão de Libras em cursos de formação superior Fonoaudiologia e Magistério (Pedagogia), como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O que se observa é que as dificuldades que se tem encontrado atualmente em relação ao domínio de Língua de Sinais tendem a diminuir na medida em que se forem implantando o ensino de Libras não somente nas instituições de ensino superior, como também em todos os níveis de ensino.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Uma ressalva importante a fazer é quanto a último parâmetro, uma vez que este parágrafo é enfático ao dizer que “LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”, isto quer dizer que, LIBRAS é uma disciplina à parte devendo não somente a disciplina de Português, como também as demais serem ensinadas dentro do contexto da Língua de Sinais.

Outro ponto a ressaltar é uma declaração feita no documento elaborado no Ano Internacional das pessoas deficientes com ênfase nas pessoas surdas: Considerando que as barreiras na comunicação, originárias da surdez, representam para o surdo um problema agravante para o relacionamento humano, que é pouco compreendido pela sociedade em geral [...] Sejam asseguradas a qualidade e prioridade da educação e instrução da criança surda, em igualdade oferecida à população em geral, garantindo-se um sistema escolar flexível, que habilite qualquer criança a adquirir, através de qualquer método ou técnica, em, um período de tempo

razoável, habilidades de comunicação, na fala e linguagem sinalizada, para que possa participar da vida familiar, escolar e da comunidade linguagem sinalizada, para que possa participar da vida familiar, escolar e da comunidade (DOCUMENTO CONFERÊNCIA ANO INTERNACIONAL DAS PESSOAS DEFICIENTES, 1981).

Cagliardi e Barrella (2006) ao reconhecerem a importância da língua de sinais pontua, que assim como qualquer outra, a LIBRAS deve ser inserida na vida da criança nos três primeiros anos de idade, para que a criança a adquira naturalmente. No entanto, de acordo com a realidade de nosso país, a detecção da surdez nem sempre ocorre até o primeiro ano de vida, assim como o acesso à língua de sinais é tardio.

Assim, dificilmente a importância da LIBRAS é apontada pelos profissionais que dão o diagnóstico da surdez aos pais. Por isso, é fundamental que os profissionais transmitam para a família da criança surda as diferentes propostas de trabalho fonoaudiológico e informem sobre a importância da LIBRAS para o seu processo educacional, social, cultural, como também suas concepções e consequências para o desenvolvimento geral do surdo.

Seno (2008) ressalta que a atuação consciente e comprometida do educador é determinante no desenvolvimento dos alunos. A rotulação causa impactos, diminuindo as expectativas frente aos alunos e limitando as suas oportunidades de aprendizagem. Para este autor, em todo processo educativo, a competência profissional dos professores, sua capacidade para planejar situações de aprendizagem, realizar processos de adaptação do currículo, elaborar pautas de trabalho em equipe, etc., adquire uma grande relevância, que parece decisiva para o êxito ou para o fracasso de tal processo (SENO, 2009)

3. CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA DE SINAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA PESSOA SURDA

Karnopp (2005) destaca que a Língua de Sinais é uma das principais razões de encontro entre os surdos, pois é através da experiência de compartilhar uma língua de modalidade gestual-visual que eles têm oportunidades de trocar experiências, conversar, aprender.

Karnopp (2005) considera, em um primeiro momento, que a LIBRAS é a língua da educação do surdo e que ele é usuário da língua portuguesa como segunda língua. Sua escrita é semelhante à escrita de estrangeiros aprendendo a língua portuguesa e, portanto, o domínio da leitura e da escrita está intimamente relacionado com as práticas de leitura e escrita que a escola e o ambiente linguístico oferecem. Em segundo lugar, deve-se considerar a importância do conhecimento da língua de sinais, por parte do surdo e do professor, para o desenvolvimento de estudos comparativos entre a língua de sinais e a língua portuguesa, estabelecendo relações e diferenciações entre esses dois sistemas linguísticos.

Para Gladis Perlin (2003) (também deficiente auditiva), *apud* Witkoski e Baibich-Faria (2008) a Língua de Sinais é a saída “da terra do exílio” da cultura ouvinte dominante, da inércia social e subjetiva decorrente das dificuldades de organizar os pensamentos, de construir sua “fala interna” através da apropriação limitada de uma língua de modalidade oral-auditiva. Por isso, ela reforça a assertiva de que a língua de Sinais é uma questão de direitos humanos.

Enquanto direito a LIBRAS tem contribuído para a formação de muitas pessoas destituídas da audição, uma vez que permite sua comunicação com os demais, sendo este o principal elemento para a constituição das identidades e uma vez se comunicando ele se percebe sujeito ativo do processo.

A LIBRAS para o aluno surdo é indispensável, pois, segundo Fernandes (2006) as diferenças estruturais entre linguagem e escrita são sistemas simbólicos com autonomia entre si, que inter-relacionam mutuamente na mediação/reflexão sobre o que está ocorrendo.

Desse modo, quando este aluno conhece a Língua de Sinais ele consegue se comunicar e aprender os conteúdos de todas as disciplinas, tendo é claro a mediação de um intérprete desta língua. O importante é que seu potencial possa ser valorizado e aos poucos seja possível desmistificar concepções de que a limitação auditiva impede a aprendizagem.

De acordo com Perlin (1998, p.56) *apud* Bortoloti (2006, p. 5)

Os surdos não conseguem dominar os signos dos ouvintes, por exemplo, a epistemologia de uma palavra, sua leitura e sua escrita. De fato, existem dificuldades reais da pessoa com surdez para adquirir a oralidade e a escrita, porém, dizer que não são capazes de aprendê-la reduz totalmente a pessoa ao seu *déficit* e não considera a precariedade das práticas de ensino disponíveis para esse aprendizado. Há, pois, urgência de ações

educacionais escolares que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem escolar das pessoas com surdez.

Por isso, é de suma importância oferecer as pessoas surdas condições para interagir com o mundo ouvinte, processo esse que desperta nela interesses, necessidades e motivação para participar, sentindo-se parte que compreende, interage, apresenta opiniões, enfim, que compartilha o mesmo espaço com o outro.

3.1 Como os profissionais da educação podem cooperar para um melhor aprendizado do aluno surdo

A realidade das escolas públicas tem mostrado a tentativa de mudanças por parte da Secretaria de Educação em garantir professores intérpretes em sala de aula que contam com alunos surdos. Portanto, estudos já demonstraram que só a mediação do professor de LIBRAS é insuficiente.

Diante disso, ressalta-se a importância dos professores regentes aprenderem a língua de sinais. Isso resulta em facilitar o diálogo entre professor e aluno. Além de demonstrar o interesse do docente por ele, de forma que este se sinta mais importante e valorizado, além de motivar a todos ao seu redor em aprender.

Adquirida a língua de sinais, ela terá papel fundamental na aquisição da leitura e da escrita. É ela que vai possibilitar, em um primeiro momento, a constituição de conhecimento de mundo, tornando possível aos alunos surdos entenderem o significado do que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita. Por sua vez, a língua escrita, por ser totalmente acessível à visão, é considerada fonte necessária a partir da qual o surdo possa construir suas habilidades de língua (LACERDA, et. al, 2004 p. 35).

Se o ideal é que o aluno surdo tenha uma quantidade menor de conteúdos a ser copiados do livro, por exemplo, é importante que haja um tempo para que o professor faça uma pausa para explicar juntamente com o intérprete, pois, se isso não for feito, o aluno não terá nenhum aproveitamento, porque será só cópia, uma vez que ele não sabe ler no português. Sendo assim também não conseguirá produzir, e se o intérprete não tiver tempo para explicar para o aluno, certamente não passará de simples cópia, já que este não saberá o que copiou.

Esta realidade sugere uma reflexão dos docentes em face das dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos. O ideal é que haja uma busca de estratégias por parte dos professores para viabilizar a aprendizagem aos alunos. Estas estratégias

são mais facilmente conseguidas se os professores se dispuserem a participar de cursos de formação, ainda que não consiga uma remuneração a mais por isso, pois, o que deve ser considerada é a importância da melhoria do processo ensino aprendizagem do aluno surdo.

De acordo com Mantoan e Prieto (2006, p. 57)

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino, que nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais.

Esta formação auxiliará o professor a encontrar estratégias que propiciem o desenvolvimento comunicativo, linguístico, cognitivo e da informação ao aluno surdo. Associado a formação continuada, serão necessárias adaptações curriculares e principalmente boa vontade do professor, já que este é um sistema que demanda tempo e dedicação.

Marchesi (2004) menciona que a correta utilização de um sistema de comunicação manual na sala de aula é a condição necessária para facilitar o intercâmbio de informações com o aluno surdo e o progresso em suas aprendizagens escolares.

Para este autor, além disso, é preciso que o professor dedique uma atenção especial à comunicação oral, dada a importância de sua aprendizagem e das dificuldades da criança surda.

Os professores podem também fazer uso de fotos, vídeos, imagens em geral para explicar um conteúdo, uma vez que o aprendizado do surdo é totalmente visual e as ilustrações facilitam o aprendizado deste aluno.

O importante é que seja oferecido um ensino integrado e significativo ao aluno surdo de modo que este não somente supere as dificuldades de aprendizagem recorrentes da deficiência, como também seja capaz de se interagir com os demais, sendo compreendido, respeitado e incluído de fato no processo de ensino e a Língua de Sinais é fundamental nesse processo.

CONCLUSÃO

Ressaltou-se neste estudo a importância da Língua de Sinais para o aluno surdo. Partindo da realidade do próprio pesquisador que é deficiente auditivo foi possível ampliar o debate apresentando os conceitos de linguagem tendo a LIBRAS como primeira língua da comunidade surda.

Os autores pesquisados mostram que o processo de aquisição da linguagem depende fundamentalmente da audição, pois, é o ouvido quem capta as informações e permite o processamento de ideias a partir das interações entre os indivíduos. Desse modo um *déficit* auditivo requer um olhar diferenciado já que as pessoas destituídas de audição tem muita dificuldade de se interagir com as demais.

Foi mostrado também que apesar da limitação auditiva, as pessoas surdas conseguem aprender assim como as demais, requerendo, portanto, de um processo efetivo de comunicação com um intérprete de Língua de Sinais que atua como mediador nesse processo.

Como forma de enriquecer a pesquisa foram destacados alguns modelos de alfabetos manuais sendo estes sinais indispensáveis para a comunicação da comunidade surda. Por isso, quanto maior for o número de pessoas conhecedoras de LIBRAS, maior será a interação delas com as pessoas surdas.

Por fim ressaltou-se as contribuições dos educadores na formação destes alunos destacando que também o professor regente deverá conhecer LIBRAS não ficando esta tarefa apenas a cargo do intérprete. Tal habilidade contribuirá para a melhor compreensão do que é ensinado em sala de aula e assim, a participação do aluno surdo será plena e significativa no contexto educacional em todos os níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 8.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

BITTENCOURTI, Zélia Zilda Lourenço de Camargo; HOEHNE, Eduardo Luiz. **Qualidade de vida de familiares de pessoas surdas atendidas em um centro de reabilitação**. Ciênc. saúde coletiva vol.14 no.4 Rio de Janeiro July/Aug. 2009.

BORTOLOTI, Rosa Teresinha. **Libras como possibilidades e alternativa para o ensino de Língua Portuguesa para o aluno surdo** (2006) Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1067-4.pdf>> Acesso em 25 janeiro.2013.

BREM, Eduardo Scarantti; BISOL, Cláudia Alquati. **Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos**. Psicol. cienc. prof. v.28 n.2 Brasília jun. 2008

BRITO, Ângela Maria Waked; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral**. Psicol. Reflex. Crit. [online]. 2009, vol.12, n.2, pp. 429-445.

CAPOVILLA, Fernando César. **Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo**. Revista Brasileira de Educação Especial. v.1, n. 6, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Ano Internacional das Pessoas com Deficiência. Brasília: CNBB, 1981.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. Atendimento Educacional Especializado. Brasília: MEC, 2007.

DIZEU, Liliane Correia Toscano Brito de; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

FERNANDES, Eulalia, Problemas linguísticos e cognitivos do surdo. São Paulo: Agir, 2006.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Estrutura Lingüística da LIBRAS**. (2006) <Disponível em http://www.ines.gov.br/ines_livros/35/35_PRINCIPAL.HTM> Acesso em 10 janeiro.2013.

GAGLIARDI, C. & BARRELLA, F.F. **Uso da informática na educação do deficiente auditivo: um modelo metodológico** [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), XVI Reunião Anual de Psicologia (pp.120-123). Ribeirão Preto: SPRP, 2006.

KARNOPP, L. B. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudolongitudinal de uma criança surda**. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em <<https://encrypted.google.com>> Acesso em 09 janeiro. 2013.

LACERDA, Cristina B.F.de; NAKAMURA, Helenice e LIMA, Maria Cecília. **Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngue**, São Paulo: Plexus Editora, 2000.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar**. São Paulo: Summus, 2006.

MARCHESI, A. **Comunicação, linguagem e pensamento**. Em C. Call, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), Desenvolvimento psicológico e educação (pp.200-216). Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento e educação de crianças surdas**. In: Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) (verbetes)**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=40>> Acesso em 10 janeiro.2013.

PETEAN, Eucia Beatriz Lopes; BORGES, Camila Dellatorre. **Deficiência auditiva: escolarização e aprendizagem de língua de sinais na opinião das mães**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2002, vol.12, n.24.

PIAGET, Jean. **A Linguagem e o pensamento da criança**. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUADROS, R. M. de. **A escola que os surdos querem e a escola que o sistema “permite” criar: estudo de caso do estado de Santa Catarina**. Artigo submetido para a ANPED em 2005. <Disponível em www8.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/aspectos_ling.pdf> Acesso em 10.janeiro.2013.

SENO, Marília Piazzzi. **A inclusão do aluno com perda auditiva na rede municipal de ensino da cidade de Marília**. Rev. psicopedag. [online]. 2009, vol.26, n.81.

SILVA, Luzia Poliana Anjos da; QUEIROS, Fernanda; LIMA, Isabela. **Fatores etiológicos da deficiência auditiva em crianças e adolescentes de um centro de referência APADA em Salvador-BA**. Rev. Bras. Otorrinolaringol. [online]. 2006, vol.72, n.1.

SOUSA, Danielle Vanessa Costa. **Aquisição da língua de sinais por alunos surdos: ponto de contribuição e relevância na atuação do intérprete de língua de sinais** (2010) Disponível em <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=183>> Acesso em 10 janeiro.2013.

WITKOSKI, Silvia Andreis; BAIBICH-FARIA, Tânia Maria. **A importância da Língua de Sinais para as pessoas surdas na construção de uma linguagem plena e genuína** (2008) Disponível em <

<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2180>>
janeiro.2013.

Acesso em 24